

DAVID FOSTER WALLACE



FICANDO LONGE

DO FATO DE JÁ

ESTAR MEIO

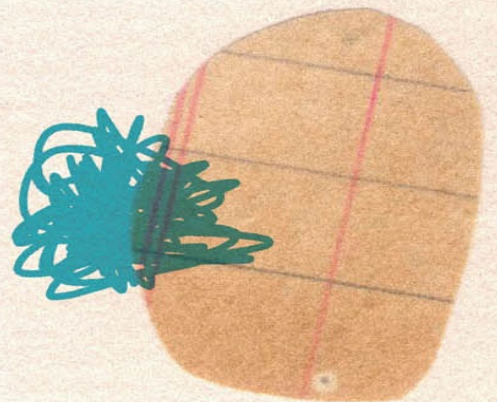
QUE

LONGE

DE TUDO



ENSAIOS



COMPANHIA DAS LETRAS

DAVID FOSTER WALLACE

Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo

Tradução

Daniel Galera e Daniel Pellizzari

Seleção e prefácio

Daniel Galera



Sumário

Prefácio: Preste atenção — *Daniel Galera*

1. Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo
2. Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer
3. Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante
4. Pense na lagosta
5. Isto é água
6. Federer como experiência religiosa

Prefácio

Preste atenção

Daniel Galera

Quando se diz que David Foster Wallace foi um dos escritores mais importantes de sua geração, leitores distantemente cientes ou mesmo íntimos de sua obra quase sempre pensam em sua prosa de ficção, em especial na sua obra-prima *Infinite Jest*, o romance de 1100 páginas publicado em 1996 que catapultou o autor à posição de ícone geracional nos Estados Unidos. Wallace também é tido como um escritor difícil, experimental, inclinado a testar ou mesmo torturar o leitor com virtuosismo técnico, exibicionismo vocabular, enumerações enciclopédicas, notas de rodapé em cascata e orações subordinadas que serpenteiam por páginas. Seus livros podem assustar pela extensão, pela linguagem, pela densidade e pela complexidade. Tudo isso é verdade.

Também é verdade que poucos autores recentes — ou nenhum, se ficarmos na esfera reduzida da literatura que por falta de termo melhor podemos chamar de “exigente” — foram capazes de estabelecer uma conexão tão íntima com seus leitores. Quando Wallace se matou, em 2008, aos 46 anos, a internet foi inundada por depoimentos emocionados de leitores que pareciam ter perdido um amigo próximo ou mesmo um parente. Era uma intimidade insuspeitada, cujas reais dimensões só se revelaram quando se espalhou a notícia chocante de que aquela voz, que para tantos soava como uma extensão de seus próprios discursos internos, a voz da autoconsciência, tinha se retirado do mundo sem aviso.

Essa comoção, fartamente documentada em fóruns literários, blogs e elegias póstumas nos cadernos culturais, deu nova relevância a duas perguntas: 1) Como uma obra tão marcada pela dificuldade pode gerar tamanha empatia? e 2) Como convencer o leitor em geral, e em particular o brasileiro, a se aventurar nesse terreno com fama de íngreme em busca das propagandeadas recompensas? A resposta para as duas perguntas pode estar na outra grande vertente da escrita de David Foster Wallace: as reportagens, ensaios e demais textos de não ficção.

Em 2005 a Companhia das Letras publicou no Brasil o livro de contos *Breves entrevistas com homens hediondos*, que até a chegada da presente antologia permaneceu sendo o único livro de Wallace traduzido no país. A recepção por parte da crítica e do público brasileiros foi muito tímida. Lançado originalmente em 1999, após o sucesso de *Infinite Jest*, o livro contém alguns

de seus contos mais admirados e bem realizados, entre eles “Octeto”, “A pessoa deprimida”, “Para sempre em cima”, e algumas das entrevistas fictícias com homens hediondos que dão título ao volume. O conjunto é desigual, permeado de explorações estilísticas e metaficcionalis, alternando momentos de poderoso envolvimento narrativo com exercícios de linguagem que podem funcionar para poucos. Podemos apenas especular se o primeiro livro de contos de Wallace, *Girl with Curious Hair* [Garota de cabelo esquisito], publicado em 1989 e em muitos sentidos mais acessível, teria atraído um número maior de leitores, e é compreensível que se tenha adiado até recentemente a aventura de traduzir um livro vasto e complicado como *Infinite Jest* no Brasil (o tradutor Caetano W. Galindo está se dedicando à empreitada). O fato é que, à exceção de um pequeno séquito de entusiastas, que em boa parte já tinha condições de desfrutar da produção do autor no idioma original, Wallace permaneceu praticamente desconhecido pelo leitor brasileiro até 2008, quando o choque de sua morte mudou um pouquinho a situação. Mas não muito.

O que nos traz a este livro. Por que uma antologia? Mais que isso, por que *esta* antologia?

Como era de se esperar, o suicídio de David Foster Wallace, justamente por seu caráter trágico e impactante, despertou um interesse renovado por sua vida e obra nos Estados Unidos e no resto do mundo. A revelação de que ele sofria de depressão crônica desde a adolescência — surpreendente se contemplamos a ambição e a consistência de sua produção, mas também coerente com detalhes conhecidos de sua biografia e sobretudo com a precisão exasperante com que tratou do tema em seus contos e romances — e a informação de que havia deixado os originais inacabados de seu primeiro romance desde *Infinite Jest* (publicado em 2011, *The Pale King* foi recebido com entusiasmo por público e crítica) contribuíram para consolidá-lo rapidamente como uma figura literária cultuada.

Ainda em 2008, poucas semanas após a morte de Wallace, quando já começavam a surgir os primeiros sinais desse reconhecimento póstumo, entrei em contato com sua agente, Bonnie Nadell, propondo organizar e publicar no Brasil uma antologia de seus textos de não ficção, escolhendo os melhores dentre os mais acessíveis, na esperança de apresentá-lo uma segunda vez aos leitores brasileiros e quem sabe, no futuro, abrir caminho para a publicação do restante de sua obra no país. O que parecia ser um tiro no escuro acabou acertando o alvo. A agente não apenas gostou da ideia como informou que uma experiência semelhante havia sido realizada na Alemanha, resultando em boa recepção não somente para a antologia, mas também para outros títulos de Wallace traduzidos na sequência. Montei o projeto com a ajuda dela, e a Companhia das Letras embarcou sem titubear.

Exponho aqui a gênese desta antologia para esclarecer que não se trata necessariamente de uma coleção dos melhores textos dentro do conjunto da obra do autor, tampouco dos melhores ou mais importantes dentro de toda sua produção não ficcional. A intenção é a de oferecer uma introdução, ou, melhor ainda, uma *apresentação* do autor para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de conhecê-lo ou não conseguiram se sentir envolvidos por seu trabalho num

primeiro contato e, ao mesmo tempo, tornar disponíveis também em língua portuguesa alguns textos que os leitores iniciados conheciam apenas no idioma original. Sendo assim, buscou-se uma seleção sucinta e ao mesmo tempo variada de reportagens, palestras e ensaios. A proposta é reforçada pelo fato de que alguns de seus melhores e mais importantes textos de não ficção *estão* entre os mais acessíveis e bem-humorados.

Além disso, é um erro ver a não ficção de Wallace à sombra de sua ficção, o que espero que venha a ficar claro após a leitura dos textos. O próprio Wallace gostava de desdenhar de suas incursões no mundo da reportagem e do ensaio. Numa entrevista concedida ao programa de televisão *The Charlie Rose Show* em 1997, logo após a publicação de seu primeiro volume de ensaios, *A Supposedly Fun Thing I'll Never Do Again* [Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer], ele declarou: “Penso em mim como um escritor de ficção, e um escritor de ficção sem lá muita experiência, então se tem alguma gracinha por trás de vários ensaios do livro, essa gracinha é ‘Ai, puxa, olha só para mim, um não jornalista que foi enviado para cobrir essas coisas jornalísticas’”. A gracinha por trás da própria tirada autodepreciativa é que muitos ensaios de Wallace são brilhantes e influentes justamente por causa dessa *persona* de escritor brincando de jornalista, a qual se revela por meio de uma grande inventividade narrativa e um assombroso poder de observação. A marca deixada por Wallace no jornalismo literário atual é comparável à de Hunter S. Thompson e pode ser verificada no estilo de novos ensaístas americanos como John Jeremiah Sullivan.

No conjunto, sua não ficção elabora com humor, sofisticação intelectual e uma atenção descomunal ao detalhe os mesmos temas centrais de sua ficção, entre os quais podemos citar o narcisismo como motor da alienação moderna, o poder destrutivo da ironia alçada à condição de visão de mundo totalizante, o niilismo travestido de liberdade e inconformidade, o preço espiritual dos vícios (em especial o vício em entretenimento) e a questão do que podemos fazer para tentar fugir da prisão de nossas próprias cabeças, caso esta não seja uma batalha perdida. A julgar por boa parte do que escreveu, Wallace tinha esperança na batalha. Numa entrevista de 1993,¹ ele afirmou: “A ficção pode oferecer uma visão de mundo tão sombria quanto desejar, mas para ser realmente muito boa ela precisa encontrar uma maneira de, ao mesmo tempo, retratar o mundo e iluminar as possibilidades de permanecer vivo e humano dentro dele”.

David Foster Wallace nasceu em fevereiro de 1962 em Ithaca, Nova York, e passou a infância e a juventude em cidades pequenas do estado de Illinois, no modorrento Meio-Oeste americano. Herdou dos pais o interesse por filosofia e literatura — o pai é filósofo e a mãe professora de inglês — e desenvolveu ao mesmo tempo um interesse profundo pelo tênis, chegando a participar de torneios juvenis. Formou-se em filosofia e letras pela Universidade de Amherst, e seus trabalhos de conclusão para esses cursos foram respectivamente a tese *Richard*

Taylor's 'Fatalism' and the Semantics of Physical Modality [“Fatalismo” de Richard Taylor e a semântica da modalidade física] e o romance *The Broom of the System* [A vassoura do sistema], que seria publicado em 1987 e o colocaria instantaneamente no radar da literatura americana. Antes de ser percebido como escritor, Wallace foi visto como um prodígio acadêmico. O mundo parecia esperar que ele se tornasse um filósofo ou matemático, mas foi na literatura de ficção que, após uma crise emocional severa, ele acabou encontrando um ponto de apoio e uma válvula de escape para seu talento pressurizado. *Girl with Curious Hair*, seu livro seguinte, é uma coletânea de contos notável, mas teve recepção morna. Em 1996, porém, todas as expectativas seriam superadas com a chegada de *Infinite Jest*.

Colossal em tamanho e ousadia, fragmentado e saturado de informação como a existência moderna, o livro estabeleceu um novo parâmetro de ambição para os seus contemporâneos e cristalizou de maneira gloriosa o projeto literário de seu autor: conciliar o experimentalismo formal de seus heróis pós-modernistas, como John Barth, Donald Barthelme e William Gaddis, com a força emotiva da literatura mais convencional e a preocupação moral propositiva do romance social. Para Wallace, a nova vanguarda precisava ser um pouco conservadora. Se a forma do romance deve se adaptar aos tempos, é para que ele continue propondo ao leitor maneiras de compreender o mundo e viver uma vida melhor. Em *Infinite Jest*, ao tematizar o vício e o entretenimento vazio e radicalizar a descrição da autoconsciência de seus personagens com recursos metaficcionais, digressões sucessivas e notas de rodapé em profusão, Wallace apontou para o que julgava mais urgente transcendermos se quiséssemos ter uma vida menos isolada e ansiosa. Seu estilo estabeleceu uma conexão direta com o consciente coletivo de sua geração. Muitos de seus leitores concordariam com a afirmação do crítico do *New York Times* A. O. Scott, para quem “[a voz literária de Wallace] é instantaneamente reconhecível mesmo quando é ouvida pela primeira vez. Era — é — a voz dentro da nossa própria cabeça”.

Wallace começou a publicar resenhas literárias e pequenos artigos ainda no fim dos anos 1980, durante seus anos de graduação, mas o embrião do estilo jornalístico que desenvolveu nos vinte anos seguintes talvez esteja em seu primeiro texto para a revista *Harper's*, da qual se tornaria um colaborador frequente. “Tennis, Trigonometry, Tornadoes” [Tênis, trigonometria, tornados], publicado em 1991, é um ensaio autobiográfico em que o autor conta como na adolescência, jogando tênis, aprendeu a realizar complicados cálculos geométricos para descobrir como se beneficiar dos ventos fortes que varriam a zona rural de Illinois. Quando começou a disputar torneios mais sérios em quadras de mais qualidade, protegidas do vento, seu jogo foi por água abaixo. O padrão se expande por toda a obra de Wallace: a filtragem intelectual obsessiva, mais uma prisão do que uma escolha, é solapada assim que desafios maiores e conflitos maduros se apresentam. O tênis, também um dos assuntos principais em *Infinite Jest*, apareceria em dois outros artigos que se tornariam clássicos da crônica esportiva: “The Sting Theory” [Teoria das Cordas], publicado na *Esquire* em 1996, e “Federer como experiência religiosa”.

Em 1993, Wallace publicou um de seus ensaios mais famosos, “E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction” [E Unibus Pluram: a televisão e a ficção nos Estados Unidos], no qual denuncia a influência nociva da ironia da linguagem televisiva na literatura de ficção. “A ironia, embora prazerosa, tem uma função quase exclusivamente negativa”, afirma. “É crítica e destrutiva, boa para limpar o terreno. Com certeza era assim que nossos pais pós-modernos a viam. Mas é particularmente inútil quando se trata de construir alguma coisa para pôr no lugar das hipocrisias que expõe.”² Sua crítica ao abuso da ironia estéril na literatura antecipou a disseminação do “consumo irônico” e a ascensão dessa figura retórica a discurso predominante da sociedade conectada.

Assim como “E Unibus Pluram”, vários outros ensaios e reportagens importantes ficaram de fora por questões de 1) extensão do livro e 2) adequação à proposta editorial. Entre eles estão “David Lynch não perde a cabeça”,³ em que Wallace discorre sobre o cinema de David Lynch e visita o set de filmagens de *A estrada perdida* tomando o cuidado de não falar com o diretor em momento algum apesar de tê-lo à disposição a um palmo do nariz, e “Up, Simba”, sobre a campanha presidencial de John McCain à presidência dos Estados Unidos.

Entre os textos selecionados, além do já citado perfil do tenista Roger Federer, de “Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante” (uma breve palestra sobre o humor em Kafka) e “Isto é água” (um discurso de paraninfo), temos o trio de grandes reportagens exemplares do estilo de jornalismo literário praticado por Wallace: “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, uma hilária incursão socioantropológica numa feira rural de Illinois; “Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer”, relato minucioso, para dizer o mínimo, de uma experiência de viagem num navio de cruzeiro; e, finalmente, “Pense na lagosta”, misto de artigo sobre feira gastronômica e tratado de ética alimentar. Na seção seguinte comentarei rapidamente os textos escolhidos. Pode ser que você prefira ler o livro antes.

Numa entrevista publicada no *Boston Phoenix* em 1998, quando indagado a respeito da diferença entre escrever ficção e não ficção, Wallace respondeu: “Não sou jornalista e não finjo ser, e a maioria dos artigos incluídos em *A Supposedly Fun Thing I’ll Never Do Again* foi passada para mim com instruções enlouquecedoras do tipo ‘Apenas vá para tal lugar, gire 360 graus algumas vezes e nos conte o que viu’”. O ensaio “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, de 1993, foi o primeiro a deixar bem claro o que David Foster Wallace era capaz de fazer com uma pauta tão vaga. Estruturado como um diário, com entradas de data e horário, o texto começa com uma bela descrição do sentimento de atravessar de carro a planura ilusória da região rural de Illinois, na verdade uma sutilíssima “onda senoidal”, e em seguida expõe o cômico processo de obtenção das credenciais de imprensa. Wallace retrata a si mesmo

como um intruso desorientado e fora de lugar, a quem só resta sublinhar repetidas vezes sua falta de jeito, catalogar com sarcasmo e perplexidade o que transcorre à sua volta e bolar teorias intelectuais para explicar o que se passa. Seu contraponto é a Acompanhante Nativa, uma amiga que se mistura ao clima de celebração da feira agrícola, flertando com caubóis e comendo porcarias sem culpa, ou seja, ressaltando, por contraste, o distanciamento do narrador. As descrições às vezes fazem pensar num extraterrestre ultraeloquente. “Os rostos dos cavalos são compridos e por algum motivo lembram caixões.” Uma luta de boxe na categoria infantil é descrita como “um vale-tudo encarniçado entre dois molequinhos que ficam parecendo ter cabeças grandes demais para o corpo por causa dos capacetes”. O texto se mantém engraçado quase o tempo todo, mas a graça apenas resalta a alienação do observador, que atinge proporções aterrorizantes nas últimas páginas, quando entra em cena um gigantesco e cruel brinquedo do parque.

Esse procedimento foi levado às últimas consequências naquele que talvez seja o seu ensaio mais importante e aclamado, “Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer”, conhecido também como “o texto do navio”. Escalado novamente pela *Harper’s* para dar uma espiada num ecossistema pitoresco da classe média americana — dessa vez um passeio de uma semana pelo Caribe a bordo de um navio de cruzeiro turístico — e retornar contando o que viu, Wallace produziu um relato de mais de cem páginas esmiuçando a experiência de ser “mimado até a morte” em alto-mar. O sentimento de deslocamento e a ansiedade trazida pela autoconsciência irônica, já explorados em outros textos, são exacerbados aqui com uma verborragia deliciosa e com o uso repetido de notas de rodapé por vezes quilométricas. Se no relato da Feira de Illinois ele parece mais interessado nos funcionários do parque e animais enjaulados do que nos visitantes que estão ali presentes para desfrutar a ocasião sem questionamentos, a bordo do *Nadir* ele se atém principalmente aos membros mais invisíveis da tripulação, aos eventos mais bisonhos do roteiro de atrações a bordo e ao funcionamento mecânico das entranhas da embarcação. É tão hilariante quanto desesperador acompanhar a obsessão de Wallace pelo sistema de descarga a vácuo da privada de seu camarote ou pela presciência misteriosa da camareira que de algum modo sempre sabe a hora certa de arrumar a cama. É certo que podemos detectar algum esnobismo ou desprezo em sua postura (quando descreve seus companheiros de mesa de jantar, por exemplo), mas mesmo isso é digerido e reaproveitado para ressaltar o tormento de ver o mundo com uma mente que não consegue parar de narrar, calcular e explicar a experiência imediata — a mesma condição que faz Hal, o personagem mais autobiográfico de *Infinite Jest*, terminar quase literalmente trancado dentro da própria caveira.

Faço essa menção repentina à sua obra de ficção para salientar que o jornalismo de Wallace toma liberdades ficcionais que não são aceitas por defensores de um jornalismo rigorosamente objetivo. Em 2011, o escritor Jonathan Franzen, que era um dos melhores amigos de Wallace e manteve com ele uma relação ambígua de respeito e competição, comentou em conversa com o

jornalista David Remnick, num evento da *New Yorker*, que Wallace teria inventado diálogos em seu ensaio sobre o cruzeiro. É impossível saber até que ponto isso é verdade, mas o próprio Wallace declarou numa conversa com David Lipsky, publicada no livro *Although of Course You End Up Becoming Yourself* [Embora no fim você acabe se tornando você mesmo], que teria colocado falas de outras pessoas na voz da Acompanhante Nativa no ensaio da Feira de Illinois. É o tipo de coisa que, se confirmada, faria um purista da objetividade torcer o nariz. Mas essa seria uma maneira equivocada de abordar o jornalismo literário de Wallace, no qual o compromisso de fidelidade diz respeito sobretudo à experiência do repórter, ou do escritor brincando de jornalista, o que justifica a prevalência ocasional de expedientes literários.

Essa liberdade adquire outra feição no ensaio “Pense na lagosta”, publicado originalmente em 2004 na *Gourmet Magazine*. Enviado para cobrir o Festival da Lagosta do Maine, Wallace inicia o texto com um relato um tanto semelhante ao da Feira de Illinois, até se deparar com o processo de cozimento das lagostas, que são atiradas vivas na panela fervente. De repente o ensaio se transforma numa extensa investigação científica e filosófica sobre a legitimidade de causar sofrimento animal em nome do hedonismo gastronômico. Wallace não hesita em concluir o texto conclamando os leitores da revista a refletirem sobre sua postura ética diante da questão.

Em “Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante”, Wallace sugere que a espirituosidade do autor tcheco pode ser “inacessível a jovens que nossa cultura treinou para ver piadas como entretenimento e entretenimento como conforto”. Mais que isso, ele parece fazer um mea-culpa de seu próprio estilo de sarcasmo distanciado ao dizer que “o humor de Kafka não possui quase nenhum dos formatos e códigos típicos do divertimento contemporâneo dos Estados Unidos. Não há jogos de palavras recorrentes nem acrobacias aéreas verbais, e pouco no que se refere a tiradinhas jocosas e sátiras mordazes”. Acima de tudo, o texto é um testemunho do talento didático do autor (de 2002 até um pouco antes de sua morte, Wallace foi professor de literatura e escrita criativa no Pomona College) e um exemplo perfeito de *punch* literário. O texto que versa sobre a “piada fundamental em Kafka” funciona estruturalmente como uma piada bem contada que faz eclodir, em vez do riso, um belo *insight* metafísico.

Em 2005, Wallace fez um discurso de paraninfo para uma turma de formandos no Kenyon College. O texto, intitulado “Isto é água”, circulou na internet por anos até ser publicado como livro após a sua morte. Partindo de uma parábola sobre dois peixinhos incapazes de perceber a água em que vivem imersos, Wallace discorre sobre a necessidade de prestar atenção constante ao mundo e exercitar a empatia para conseguir enfrentar a solidão essencial de uma vida adulta. É um texto de caráter francamente edificante, com toques de moralismo e religiosidade, que salienta o tempo todo os clichês em que se apoia. “É claro que isso não passa de uma platitudo banal”, ele diz sobre a parábola dos peixinhos, “mas o fato é que nas trincheiras

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

